

A Pedagogia da Correspondência e a influência da viagem à Guiné-Bissau na obra de Paulo Freire

SINTIDUS

Erlando da Silva Reses¹ & Wallace Roza Pinel²

Resumo

O presente artigo procura analisar a influência da viagem à Guiné-Bissau na obra do educador lusófono Paulo Freire. Sendo uma das principais referências mundiais em Educação Popular e Libertadora, entendemos que a sua viagem, a qual originou a produção do livro *Cartas à Guiné-Bissau*, foi fundamental à sua teoria pedagógica fundamentada na perspectiva da emancipação humana por meio de relações baseadas no diálogo horizontal e humanista. Na Pedagogia da Correspondência, o autor procurava estabelecer relações anti-hegemônicas, utilizando-se do gênero literário carta. A utilização de cartas procurava uma proximidade com o outro por meio de relações simétricas e horizontais baseando-se no diálogo emancipador e libertário onde emissor e receptor podem e devem ter o mesmo espaço de fala buscando na alteridade do discurso uma forma de desalienação humana.

Palavras-chave

educação popular; Paulo Freire; emancipação; Pedagogia da Correspondência; Guiné-Bissau.

Manuscrito submetido a 14 de maio de 2018
Aceite a 15 de abril de 2019



Política de Privacidade
CC-BY-NC | Open Access
Creative Commons

¹ Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE-UnB), Brasília, Brasil | erlando@unb.br

² Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE-UnB), Brasília, Brasil | walaceroza@gmail.com

Manera di nsina pekadur ku kartas: Bias pa Guine-Bisau na tarbadju di Paulo Freire³

Erlando da Silva Reses & Wallace Roza Pinel

Rusumu

Es testu misti konta kuma ku bias di Paulo Freire pa Guine-Bisau i muda si tarbadju. Es alguin, Freire, i garandi na kampu di Edukason di Pubis pa Libertason (*Educação Popular e Libertadora*). No ta ntindi di kuma si bias pa Guine-Bisau, ku fasil skirbi libru *Cartas à Guiné-Bissau*, i seduba importanti pa si tarbadju sobri manera di nsina pekadur. Si ideia i di kuma pekadur dibi di nsinadu na ermondadi ku na kombersa di igual pa igual, es ku ta pudi purpara pekaduris dunu di si kabesa. Paulo Freire i pensa kuma manera di nsina atraves di skirbi karta ta pudiba pui djintis djumbai sin muni kumpanher, par el, na djumbai ku kartas ronka forsa ka na pudiba ten. Si alguin na skirbi alguin karta, kartas na pudi pui e sta ku n'utru normal, i na da pa ten kombersa di ermon ku na liberta kabesa di tudu dus. Na karta, kin ku na skirbi ku kin ku na lei e ta djunta kau di papia. Freire pensa kuma es na permitinuba ntindi n'utru mindjor ku iabri udju di pekaduris pa manera ki djintis sta na mundu.

Nomi-tchabi

edukason di pubis; Paulo Freire; liberta kabesa;
manera di nsina pekadur ku kartas; Guine-Bisau.

³ Nota de edição: A ortografia do kriol segue o modelo proposto em Scantamburlo, L., *Dicionário do Guineense*, Vol. 2 (FASPEBI, Bubaque, 2002) e em Scantamburlo, L., *O Léxico do Crioulo Guineense e as suas Relações com o Português* (Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013).

Introdução

Procuramos, no presente artigo, compreender o impacto da viagem de Paulo Freire ao continente africano em sua obra pedagógica que expandiu sua influência nos países lusófonos. O trabalho de Paulo Freire se expressa em um incontestável engajamento em torno da emancipação dos povos e sujeitos por meio da educação e do diálogo entre opressores e oprimidos, buscando com a transformação recíproca de ambos, uma relação de horizontalidade e amorosidade. Dialogando com a perspectiva freireana em sua obra *Pedagogia da Esperança*:

Não há nem jamais houve prática educativa em espaço-tempo nenhum de tal maneira neutra, comprometida apenas com ideias preponderantemente abstratas e intocáveis. Insistir nisso e convencer ou tentar convencer os incautos de que essa é a verdade é uma prática política indiscutível com que se pretende amaciar a possível rebeldia dos injustiçados (Freire, 1977, p. 26).

A análise teórica da obra do eminente pensador brasileiro Paulo Freire releva que a viagem à Guiné-Bissau e a influência deste contato em seus ideais pedagógicos desembocaram na chamada Pedagogia da Correspondência. Esta abordagem procura, por meio do uso da carta como gênero literário, o estabelecimento de laços afetivos, pedagógicos e políticos que visam a emancipação dos sujeitos envolvidos nesta relação dialética. Conforme nos ensina Coelho (2005, p. 17) “a insistência de Paulo Freire em utilizar o termo carta/cartas está relacionada com a proximidade com o outro, o distante, possibilitando a construção de relações dialógicas”.

Ao construir seu pensamento por meio de uma práxis pedagógica baseada no binômio indissociável teoria-prática, nos ensina Freire a importância de uma teoria baseada no concreto que dialogue insistentemente com o mundo e que, a partir desse mundo concreto, desenvolva a elaboração teórica que procure não apenas conhecer a realidade, mas principalmente transformá-la. Entendemos que o diálogo e a motivação são as principais formas de leitura, atuação e intervenção na realidade social, devendo permear a ação do professor pesquisador durante seu movimento dialético e contínuo, em busca da transformação social pretendida por meio da práxis educativa. Dialogando com Paulo Freire percebemos o processo dialético entre ação e motivação:

Nunca consegui entender o processo de motivação fora da prática, antes da prática. É como se, primeiro, se devesse estar motivado para, depois, entrar em ação! Você percebe? Essa é uma forma muito antidialética de entender a motivação. A motivação faz parte da ação. É um momento da própria ação. Isto é, você se motiva à medida que está atuando, e não antes de atuar (Freire & Shor, 1986, p. 12).

Procuramos neste artigo uma melhor compreensão sobre o impacto do livro *Cartas à Guiné-Bissau* no pensamento freireano no sentido de compreendermos em que medida esta viagem influencia a pedagogia produzida, assim como seus reflexos no pensamento pedagógico baseado no gênero literário incomum da carta.

Método dialético em Paulo Freire

De modo a dialogarmos de forma adequada com nossos objetivos, buscamos, no Materialismo Histórico-Dialético (MHD), nossa fonte teórica. Para essa teoria, o pesquisador é um sujeito implicado no processo dialético de compreensão e transformação pedagógica, política e social do Homem. Destacamos algumas categorias do método, como a historicidade, a partir das quais pretendemos estabelecer relações durante o processo de construção da pesquisa.

O método materialista histórico-dialético caracteriza-se pelo movimento do pensamento através da materialidade histórica da vida dos homens em sociedade, isto é, trata-se de descobrir (pelo movimento do pensamento) as leis fundamentais que definem a forma organizativa dos homens em sociedade através da história (Pires, 1997, p. 83).

Avançando-se na problemática, dialoga-se com Handfas (2010) ao entendermos que o materialismo histórico implica muito mais do que uma contextualização histórica, ou do que uma relação do presente com o passado. Para a estudiosa, devem-se levar em conta as formas de articulação sempre contraditórias dos elementos da realidade que se pretende investigar. Assim sendo, o MHD procura trazer ao debate acadêmico sua abordagem crítica e contra-hegemônica expressa em sua concepção científica de se pesquisar e produzir em Educação. Nesse sentido, apontamos as relevantes contribuições para o campo de Dermeval Saviani, enquanto pesquisador e professor da Faculdade de Educação da Universidade de Campinas (UNICAMP), estado de São Paulo, no Brasil, lembramos também da solidificada obra pedagógica de Gaudêncio Frigotto, professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), os quais utilizam em sua pesquisa acadêmica, trajetória docente e militância o método dialético enquanto norteador da prática pedagógica. Assim, procuramos de forma histórica, metódica, dialética e científica, um conhecimento vinculado à realidade da luta de classes buscando, a todo o momento, em um movimento contínuo de diálogo entre a aparência de um fenômeno, o que é superficial e visível, com sua essência, com os reais interesses e motivações que oferecem as condições históricas para a materialização de fatos e circunstâncias de repercussão, em especial, na vida das oprimidas, filhas e mães das classes trabalhadoras que, dificilmente, alcançam a plenitude em sua vida escolar. Portanto, como referencial pedagógico, se faz necessário, em nosso sentir, o diálogo com as concepções da

Pedagogia Histórico-Crítica, tributária pedagógica da corrente materialista histórica-dialética na educação brasileira:

pode-se considerar que a pedagogia histórico-crítica é tributária da concepção dialética, especificamente na versão do materialismo histórico, tendo fortes afinidades, no que se refere às suas bases psicológicas, com a psicologia histórico-cultural desenvolvida pela Escola de Vigotski. A educação é entendida como o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Em outros termos, isso significa que a educação é entendida como mediação no seio da prática social global. A prática social põe-se, portanto, como o ponto de partida e o ponto de chegada da prática educativa (Saviani, 2007, p. 423).

Diante deste cenário, a seguir procuramos compreender em que medida o pensamento de Paulo Freire se modifica e se (re)inventa a partir da viagem, especialmente com a elaboração de seu livro-relatório que, segundo alguns autores, inaugura em sua obra a chamada Pedagogia da Correspondência.

A Pedagogia da Correspondência como prática pedagógica

Uma filosofia da práxis – conforme observamos em Sánchez Vásquez (1977, p. 245) – se trata de “uma atividade prática que faz e refaz coisas”. Compreender de forma sistemática e problematizadora a questão da educação nos países lusófonos é um desafio considerável, tendo em vista a dificuldade inerente à área de atuação do pesquisador. Freire (1977) entende o Homem como um ser inconcluso que se constitui historicamente, mas que está envolvido em um constante processo de transformação, em que aprende, ensina e se refaz no diálogo e na experiência real com o outro, constituindo assim sua forma de agir no mundo, sua consciência.

Ele procura, com a escrita da obra em destaque, uma nova forma de diálogo – em certa medida antecipando-se às tendências pedagógicas da Educação à Distância – onde por meio de cartas procura conhecer, aprender e ensinar o outro sob a forma do diálogo buscado de forma incessante.

Outro momento marcante de suas escritas foi a reinvenção do gênero literário carta, escrevendo inúmeras cartas e livros sob essa forma. Em diversos momentos da história e principalmente no século XVIII muitos filósofos e autores utilizavam a carta, ou o gênero carta, para ludibriarem a censura, como é o caso de *Cartas Chilenas* atribuídas a Tomás Antônio Gonzaga, *Cartas Persas* etc. Paulo Freire não visava ludibriar a censura, mas ser transparente, obstinado na luta com os oprimidos e oprimidas do mundo (Coelho, 2011, p. 9).

O mesmo autor, ainda sobre a obra freireana, destaca a importância da Guiné-Bissau no pensamento e influência na sua Pedagogia da Correspondência, tendo sido o primeiro de quatro livros que o autor dedicou ao tema: *Cartas à Guiné-Bissau* (1977), *Professora Sim, Tia Não: Cartas a Quem Ousa Ensinar* (1993), *Cartas a Cristina* (2003) e *Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas* (2000).



Figura 1 – Escola em uma zona libertada. Período da luta de libertação.
Fonte: *Cartas à Guiné-Bissau* (Freire, 1977, p. 8, publicação autorizada pelo Comissariado de Informação e Turismo da República da Guiné-Bissau)

Percebemos na leitura da obra *Cartas à Guiné-Bissau* que o autor imediatamente busca estabelecer uma relação de identificação com as lutas do povo guineense, especialmente por uma relação de ex-colônia portuguesa ainda em luta por sua independência e autoafirmação política, econômica e cultural em relação à Europa.

Não nos era estranha, de modo algum, a luta em que o povo da Guiné-Bissau e Cabo Verde, sob a liderança extraordinária de Amílcar Cabral e de seus camaradas do PAIGC, se tinha empenhado para a expulsão do colonizador português. Sabíamos o que havia significado essa luta, enquanto forjadora da consciência política de grande parte do povo, bem como da de sua liderança, e enquanto também um dos fundamentais fatores que explicam o 25 de Abril em Portugal (Freire, 1977, p. 10).

Percebe, assim que desembarca em terras africanas, o momento político em curso no qual trabalharia junto de militantes, homens e mulheres, ao serviço de uma causa. Ao receber o convite para participar da causa revolucionária no campo da educação, Paulo Freire estava exilado do Brasil. Morando em Genebra, na Suíça, refuta a ideia da construção de um projeto de educação afastado da realidade, colocando em prática suas ideias após o contato com o solo e as pessoas da África, especialmente dialogando com a obra de Amílcar Cabral. Compreendemos na leitura que, em sua primeira parte da obra em análise, Paulo Freire procura estabelecer um diálogo com a sua equipe de trabalho apresentando-se e os conhecendo com vistas a estabelecer desde o início a identidade principal de sua obra: o diálogo. Nesse sentido, procura dimensionar sua obra no atendimento da Educação de Jovens e Adultos:

busca dialogar com pessoas, grupos, unidades sociais, movimentos e classes populares, tomando-os como criadores, autores e atores de formas e sistemas de práticas, saberes, sentidos, significados, sensibilidades e sociabilidades diversas e culturalmente diferentes daqueles até então considerados como: “civilizados”, “acadêmicos”, “eruditos”, “legítimos” (Brandão, 2012, p. 13).

Portanto, nota-se em Paulo Freire uma preocupação em não estabelecer uma relação entre “neo-colonizador” e colonizado. A sua figura traria uma nova fórmula pedagógica revolucionária à Guiné-Bissau com o estabelecimento de um novo conhecimento que emerge a partir dos sujeitos e contextos locais. Após um primeiro momento em que Freire buscou em alguma medida elaborar um relatório das atividades propostas, na segunda parte de seu livro o autor escreve cartas às pessoas da Guiné, as quais servem de guia e paradigma à sua pioneira Pedagogia da Corresponsabilidade, ainda em 1977.

Cartas de Paulo Freire às pessoas da Guiné-Bissau: Uma nova possibilidade pedagógica

Referindo-se à obra *Cartas à Guiné-Bissau*, Coelho afirma que:

nessa obra percebe-se, inicialmente, que ele faz toda uma elaboração onde se podem constatar as bases de seu pensamento. [...] A primeira parte da obra explicita o seu pensamento, seus referenciais utilizados anteriormente na construção de outras importantes obras. *Cartas à Guiné-Bissau* é tão importante quanto a *Pedagogia do Oprimido*. O que escreve na primeira parte não visa explicar a segunda, mas prepara para o diálogo político-pedagógico que terá com os guineenses e todo processo que podemos denominar hoje de uma educação à distância por cartas (Coelho, 2011, p. 62).

Na realidade apresentada, merece destaque o fato de que ele utilizou a carta como instrumento dialógico entre os dois grupos de trabalho. Por intermédio da carta ele não deixava romper a comunicação no processo de construção e execução dos projetos em andamento. Como se pode constatar em suas próprias palavras, ele assume o ônus da atitude de escrever ao mesmo tempo em que os fatos estavam acontecendo e não escreve cartas meramente para publicá-las, mas por uma convicção de que se tratava de um meio de se fazer presente nas realidades ainda que distantes (Coelho, 2011, p. 70).

Neste sentido, foram escritas e enviadas cartas a Mário Cabral, então Comissário da Educação e Cultura guineense, que convidara o eminente pedagogo a desenvolver seu projeto educativo em terras africanas da Guiné. Paulo Freire estabeleceu desde o início uma relação de proximidade e amorosidade com seu correspondente, aliás, uma marca indelével de sua obra acadêmica. O gênero carta é dialógico e pedagógico na sua própria natureza. A escrita em forma de carta ou por meio do gênero carta nos leva a um envolvimento pessoal em nossas relações com os outros:

é o gênero de escrita que mais se aproxima do sujeito oprimido que, mesmo não sabendo ler, solicita que o outro escreva e leia para ele. É um convite permanente ao diálogo (Coelho, 2011, p. 49).

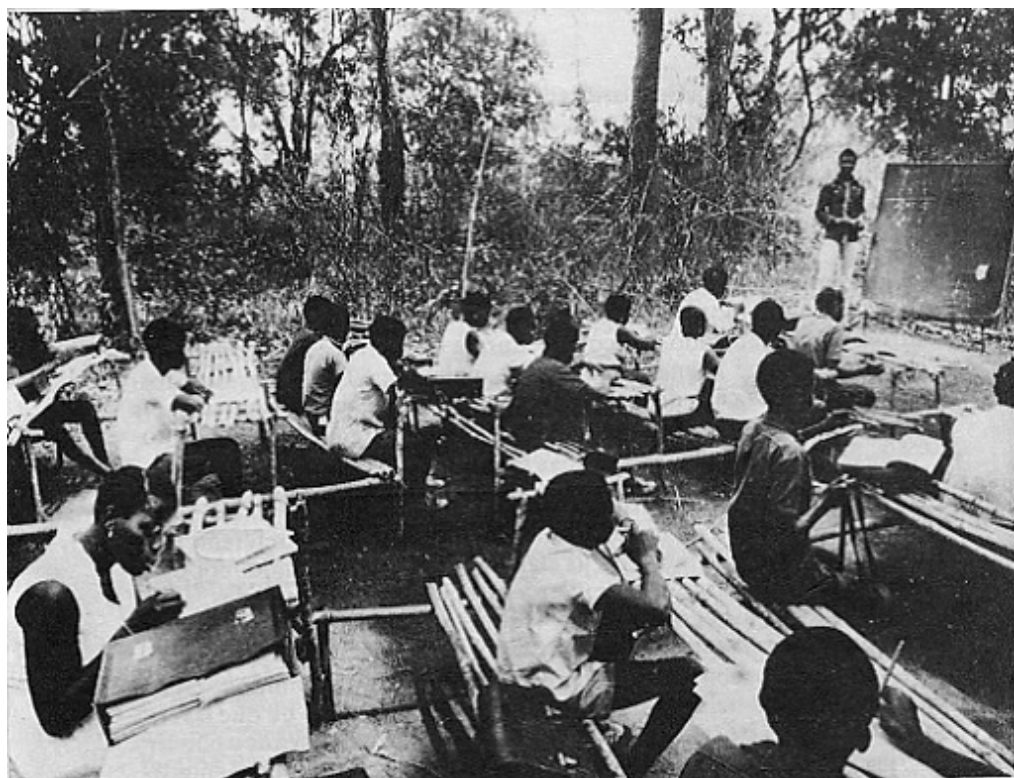


Figura 2 – Escola numa zona libertada. Período da luta de libertação.

Fonte: *Cartas à Guiné Bissau* (Freire, 1977, p. 24, publicação autorizada pelo Comissariado de Informação e Turismo da República da Guiné-Bissau)

Em sua comunicação com Mário podemos perceber a relação simétrica e cordial que gradualmente vai se estabelecendo entre ambos, conforme podemos observar em seus diálogos contínuos e sempre horizontais.

Na perspectiva libertadora, que é a da Guiné-Bissau, que é a nossa, a alfabetização de adultos, pelo contrário, é a continuidade do esforço formidável que seu povo começou a fazer, há muito, irmanado com seus líderes, para a conquista de SUA PALAVRA. Daí que, numa tal perspectiva, a alfabetização não possa escapar do seio mesmo do povo, de sua atividade produtiva, de sua cultura, para esclerosar-se na frieza sem alma de escolas burocratizadas, em que cartilhas elaboradas por intelectuais distantes do povo – em que pese às vezes sua boa intenção – enfatizam a memorização mecânica a que antes me referi (Freire, 1977, p. 84, maiúsculas do original).

Em sua ação pedagógico-política no território africano, observamos a contribuição dos ideais de sua mundialmente reconhecida Pedagogia Libertadora, esta, fortemente inspirada no pensamento da Teologia da Libertação, bem como nos ideais progressistas. Podemos compreender, especialmente no contato com suas ativi-

dades propostas, assim como no desenvolvimento de sua didática construída horizontalmente no período de trabalho junto ao Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas e da equipe do Instituto de Ação Cultural (IDAC), o convite do Comissariado de Educação para a discussão sobre sua colaboração na alfabetização de adultos em Guiné-Bissau. Desta forma, constata-se a importância e a influência recíproca entre Amílcar Cabral, Paulo Freire e seus colaboradores do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), nomeadamente a busca constante pela emancipação da consciência política das pessoas envolvidas no processo educativo, ideias estas que embora desenvolvidas embrionariamente em solo guineense, ultrapassaram as fronteiras continentais, tendo repercussão em terras brasileiras e latino-americanas.

Salientamos ainda a construção pedagógica e teórica presente na obra do autor, qual seja a formação dos chamados “círculos de cultura”, os quais sob uma perspectiva de diálogo horizontal e fraterno buscam por meio das chamadas situações problema, ou seja, a partir da experiência do concreto-real a discussão teórica emancipadora, o estabelecimento de relações de ensino-aprendizagem para além da chamada “educação bancária”. Esta última padroniza os estudantes em uma perspectiva homogeneizadora, onde sentados em fila, “disciplinados”, lhes são “depositados” os conteúdos em detrimento da formação humanística e libertadora.

Mas, deixando de lado agora o projeto do livro para os coordenadores e fixando-nos nos trabalhos escritos pelos alfabetizandos, por que, por exemplo, aproveitando o dinamismo que se vem logrando (referido noutra tópico de sua carta) não apenas na intimidade de cada Círculo, mas nas relações entre alfabetizandos de Círculos diferentes, através de cartas, não começar a intercambiar também os textos? Textos que lidos e discutidos poderiam provocar a redação de outros como respostas aos desafios neles contidos. [...] Em qualquer das diferentes e não exclusivas formas de aproveitamento desse material, me parece que se deveria enfatizar a força criadora do povo, indispensável ao empenho de reconstrução do país (Freire, 1977, p. 134).

No entanto, coloca-se a Paulo Freire, no âmbito da alfabetização, um problema específico da Guiné-Bissau que é o do bilinguismo e/ou trilinguismo. Ao longo das cartas é percebida essa inquietação pelos alfabetizadores e à qual Freire vai respondendo, revelando-se sua convicção de que o conhecimento não pode ser desenraizado social e culturalmente:

Na verdade, o processo de libertação de um povo não se dá, em termos profundos e autênticos, se esse povo não reconquista a sua palavra, o direito de dizê-la, de “pronunciar” e de “nomear” o mundo (Freire, 1977, p. 135).

Ao utilizar a carta real como possibilidade educativa, Freire não apenas inova, mas estabelece uma relação de proximidade entre educadores que, mesmo à distância, compreendem-se como partes de um todo, como seres que aprendem e ensinam em uma relação de confiança mútua assim como de extremo afeto e cordialidade. Portanto podemos entender que, a partir deste momento, teorizando sobre a prática temos em sua obra a gênese da Pedagogia da Correspondência que entendemos possui raízes inequívocas no sagrado solo africano, origem e raiz da cultura afro-brasileira.

Engenheiro Mário Cabral
Comissariado do Estado para Educação e Cultura
Bissau

Genebra, 5 de janeiro de 1976

Camarada Mário,

Mais uma vez, estou remetendo a você cópia de outra carta, bastante longa desta vez, que fiz aos camaradas Mônica, Edna e Paulo.

Creio que a temática tratada tem que ver com a realidade da Guiné-Bissau, o que não significa, porém, que você e eles concordem totalmente com o que digo.

Talvez fosse interessante discutir, em equipe, em fevereiro próximo, os seus pontos principais.

Estou enviando junto à sua, uma outra cópia que lhe pediria entregasse à camarada Dulce, do ensino médio. É possível que a carta interesse a ela também.

Estamos ansiosos por chegar aí para revê-los e beber um pouco dessa alegria de viver, coisa tão carente nestas bandas de cá.

Um abraço para todos.

Paulo Freire

(1977, p. 110)

Percebe-se, com a leitura da obra, que a intencionalidade da ação política e pedagógica de Paulo Freire nunca foi abandonada, sendo a escolha da metodologia das cartas um ato intencional e político no sentido anti-hegemônico. Esta escolha surge como oposta aos relatórios frios e impessoais que, por meio de despachos, memo-

randos e ofícios, estabeleciam um diálogo oficial entre sujeitos pedagógicos, intenção que nunca foi a de Paulo Freire, especialmente em seu diálogo com o povo guineense.

Considerações finais

De acordo com reflexões anteriores, em Rêses (2015, p. 17) apontamos que a abordagem do procedimento vai depender da necessidade.

A partir do momento em que a pesquisa se centra em um problema específico, é em virtude desse problema específico que o pesquisador escolherá o procedimento mais apto para chegar à compreensão.

Retomando nossa perspectiva central, reafirmamos a inegável contribuição da Guiné-Bissau com seu povo, história, cultura e paisagens à perspectiva freireana do diálogo buscado incessantemente quer seja por meio da fala, dos livros ou mesmo das cartas, objeto central de sua Pedagogia da Correspondência desenvolvida inicialmente em terras africanas. Nesse sentido, entendemos ainda não ser suficientemente evidenciada a contribuição deste período de sua vida em sua obra acadêmica.

As cartas pedagógicas podem ser compreendidas conforme nos explica Coelho (2011), merecendo destaque que:

Por intermédio da carta ele não deixava romper a comunicação no processo de construção e execução dos projetos em andamento [...]. Freire elenca uma série de qualidades, indispensáveis aos educadores, que devem ser gestadas na prática docente, tais como: “humildade”, aquela que nos lembra sempre que temos algo a aprender; “amorosidade”, ou o que ele chama de “amor brigão”, aquele que por amar ensinar, defende a profissão com determinação; “coragem”, para reconhecer o medo e não se deixar paralisar por ele, educando-o; “tolerância”, que nos ensina a conviver com o diferente; “decisão”, que implica opção, ruptura; “segurança”, que demanda competência científica, clareza política, integridade ética; a “tensão entre paciência e impaciência”, que deve caminhar no sentido da atuação impacientemente paciente (Coelho, 2011, p. 35).

Podemos perceber que o período passado em Guiné-Bissau deve ser compreendido de forma a fundamentar uma nova pedagogia em Paulo Freire, precursora nas modalidades em Educação à Distância. Por meio de uma relação epistolar em suas cartas com uma linguagem coloquial, acessível e pedagógica, gradualmente laços se formam e redes foram criadas entre Brasil e Guiné-Bissau. Como a figura humana de Freire não se encontra mais entre nós em sua forma física esperamos que nossos contatos fraternos e históricos possam ser escritos e reescritos continuamente de forma dialógica entre pesquisadores brasileiros e guineenses de modo a que nosso diálogo não seja rompido.

Referências bibliográficas

- Brandão, C. R. (2012). A educação popular antes e agora: Lembranças de ontem, perguntas para agora. *Revista del IICE*, 32, pp. 9-25.
- Coelho, E. P. (2005). *Cartas de Paulo Freire: O diálogo como caminho e pedagogia*. São Paulo: FEUSP.
- Coelho, E. P. (2011). *Pedagogia da correspondência: Paulo Freire e a educação por cartas e livros*. Brasília: Liber Livro.
- Freire, P. (1997). *Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P., & Shor, I. (1986). *Medo e ousadia: O cotidiano do professor* (A. Lopez, Trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Handfas, A. (2010). Uma leitura crítica das pesquisas sobre a relação entre trabalho e educação. *Linhas Críticas*, 16(30), 129-148.
- Pires, M. F. C. (1997). O materialismo histórico-dialético e a educação. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, 1(1), 83-94.
- Rêses, E. S. (2015). *Universidade e movimentos sociais*. Brasília: Fino Traço.
- Sánchez Vázquez, A. (1977). *Filosofia da práxis* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Obra original publicada em 1967)
- Saviani, D. (2007). *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados.